

ACTOR JOSÉ PINTO AINDA PENSOU DUAS VEZES ANTES DE ACEITAR FAZER «UM VIOLINO NO TELHADO», MAS

Gostava de fazer outro musical

Decano dos actores portugueses, a caminho dos 80 anos, que completa no dia 15 de Janeiro de 2008, José Pinto estreou-se finalmente a fazer musicais, com «Um Violino no Telhado». E parece ter gostado. Depois das incertezas que o fizeram pensar duas vezes antes de aceitar o convite de Filipe La Féria, de quem lhe diziam «cobras e lagartos», o actor, nado e criado no Candal, não apenas não se arrependeu de ter dito «sim» ao encenador, como está mesmo disposto a repetir a experiência.

“Gostava de fazer outro musical, para poder ter um termo de comparação”, confessa, em entrevista ao AUDIÊNCIA, realizada, uma vez mais, no El Corte Inglés, José Pinto, rendido a um género de teatro que nunca antes fizera e ao sucesso que «Um Violino no Telhado» tem tido junto do público. “É maravilhoso estar nos camarins e ouvir o barulho do público a chegar. Não há nada melhor para um actor. Quantas vezes não fui para espectáculos a pensar se ia haver público naquela noite? E, não raras vezes, o espectáculo tinha mesmo de ser cancelado, porque não havia público. Era angustiante”, recorda. Prestes a atingir a barreira das oito décadas de vida, o portista dos quatro costados que passou por duas guerras – Guerra Civil espanhola e II Grande Guerra – diz que a reforma vai ter mesmo de esperar e que a morte não lhe tira o sono. Aliás, quando tiver de morrer, gostava apenas de “adormecer e não mais acordar”. Até lá, só quer mesmo “ter trabalho”. Para não “dar em doido”.



Por Jorge Carvalho

Onde nasceu?

Nasci no Candal.

Onde ainda vive?

Vivo e viverei.

Há quantos anos?

Há tantos quantos anos tenho.

Nasceu em casa?

Nasci. Naquela altura, era frequente nascer-se em casa. Eu, ainda por cima, tinha uma tia que era parteira.

Também vive na mesma casa em que nasceu?

Não. Quando casei, mudei de casa, mas continuo no Candal.

É um gaiense dos quatro costados...

Sou. Mas preferia que freguesias como Santa Marinha, Mafamude, Canidelo ou Afurada pertencessem à cidade do Porto.

Porquê?

Porque adoro o Porto. Quando nasci, a minha cidade era o Porto. Ainda hoje, quando estou em Lisboa, ou em qualquer outro lado, se me perguntarem de onde sou, digo sempre que sou o Porto. Gosto

imenso de Gaia, até porque é, de facto, a minha terra, mas fiquei com muita pena quando as duas cidades se separaram. Gaia é um dos maiores concelhos do País e não ficava pior se as freguesias que estão mais perto do rio Douro pertencessem ao Porto. Aliás, como acontece, por exemplo, em Paris, ou Londres. Em Portugal, os rios servem para separar, quando, do meu ponto de vista, deviam servir para unir.

Também é portista?

Como qualquer bom gaiense, também eu sou portista. Cheguei a ser sócio do FC Porto, mas, quando o TEP decidiu fazer 'matinés' ao domingo, deixei de poder ir ao futebol. Quem pagava as quotas era a minha mulher, que, a partir de determinada altura, disse-me que ia deixar de as pagar, porque eu nunca mais tinha ido ao futebol.

Continua a não ter tempo para ver o FC Porto?

Agora? Ainda é pior. Não tenho mesmo tempo nenhum. Mas nunca deixei de ser portista. Sou mesmo um grande portista. Vibro muito com as vitórias do FC Porto.

Natal com meu pai aos 13 anos

Teve uma infância feliz?

Tive uma infância muito feliz, mas, ao mesmo tempo, difícil e atribulada.

Por causa da II Grande Guerra?

Também. Mas fiquei muito marcado pela guerra civil espanhola, que rebentou quando eu tinha sete anos. Quantas vezes não fui para Coimbrões ver os comboios passar com os restos de Portugal. Foram tempos muito difíceis. Quando começou a II Guerra Mundial, três anos mais tarde, ainda me diverti, no início, mas depois é que foram elas...

Divertiu-se?!

Diverti, quando o Governo português mandou o povo colocar nas janelas umas tiras em papel porque ia haver exercícios da aviação portuguesa. Tinha 10 anos na altura e recordo-me como se fosse hoje a alegria que os mais novos tinham em estar a pôr os papéis nas janelas, para protecção das pessoas em caso de os vidros partirem com a passagem dos aviões. A sorte foi que a aviação portuguesa devia ter

um ou dois aviões e nunca houve nenhum problema. O pior foi, de facto, mais tarde, quando o Governo impôs o racionamento de bens alimentares. Não havia nada para comer. Era o mais velho dos meus dois irmãos homens e tinha de estar sempre à procura de pontos de distribuição, não apenas de pão, mas também de azeite, açúcar ou sabão.

E o seu pai?

O meu pai era maquinista da Marinha Mercante e quase nunca estava em casa. Era eu quem às cinco da manhã, com 11 anos, ia para a Foz arranjar tudo o que podia. As mercearias não tinham nada. Não havia fatura, mas havia uma coisa que hoje não há: solidariedade. Quando alguém precisava de alguma coisa, havia sempre alguém disposto a ajudar.

Fazia férias?

Naquele tempo, férias?! Não havia. Tinha 13 anos quando o meu pai passou o primeiro Natal com a família. Uma vez, o barco chegou a atracar no Douro e, no mesmo dia, zarpou, em vésperas do Natal. Nem quando o meu pai vinha ao Porto tinha oportunidade de o ver.

Lidou bem com a ausência do seu pai?

Por acaso, lidei. Éramos uma família unida. Éramos seis irmãos e havia uma grande união. Ainda hoje somos uma família fantásticamente unida.

Ainda estão todos vivos?

Não. Um já faleceu, um ano mais novo do que eu. Chamava-se Aníbal. Jogou no Candal e chegou a ser transferido para o Sporting, no tempo do guarda-redes Carlos Gomes. Mais tarde, o Sporting emprestou-o ao Peniche. Jogou no Peniche 16 anos. Foi «capitão», casou por lá, foi para a África do Sul e, por fim, para o Canadá. Quando estava bem na vida, morreu, de cancro. A mulher, dois anos depois, também morreu.

Fiquei como um tolo no 25 de Abril

Onde fez a escola primária?

No Candal.

E o liceu?

Depois da escola primária, fiz o curso industrial na Escola



Passos Manuel, que ficava na Rua Cândido dos Reis. Mas não cheguei a concluir. Fiquei pelo quarto ano.

Não gostava?

Gostava, mas tive de ir trabalhar.

Qual foi o primeiro emprego?

Foi nos Telefones. O primeiro e único. Tinha 17 anos. Os Telefones admitiam funcionários com curso ou frequência da escola industrial com mais de 17 anos e menos de 18, para

Por amor de Deus, não estraguem o Bolhão. O mercado do Bolhão devia ser património mundial. Se acabarem com o Bolhão, é um crime. A única coisa que se deve fazer no Bolhão é obras

aprendizes. Aos 20 anos, quem tivesse o curso passava a mecânico. Estive 44 anos nos Telefones.

Reformou-se pelos Telefones?

Reformei. Ao fim de 44 anos, pedi a pré-reforma. Foi quando o Manoel de Oliveira me convidou pela primeira vez para participar num dos seus filmes. Comecei a fazer cinema muito tarde, já nos anos 90.

Com «Vale Abraão»?

'Vale Abraão' foi o primeiro filme com Manoel Oliveira. Tinha já 60 anos, mas aparentava ser mais novo. O meu último filme foi 'Coisa Ruim'. Para mim, o melhor filme português.

De sempre?

De sempre. Foi considerado o melhor filme do Fantasporto há dois anos e, para mim, é um filme excelente, do Tiago Guedes de Carvalho, irmão do Rodrigues Guedes de Carvalho, que escreveu o texto. O outro realizador era o Frederico Serra. Foi rodado em Trás-os-Montes. O elenco era muito bom e a história também.

Tem filhos?

Tenho. Dois rapazes e uma rapariga. O mais velho tem 48, o outro tem 44 e a rapariga tem 42.

Nenhum é actor?

Nenhum. Um, o mais velho, ainda experimentou e tinha jeito, mas acabou na música.

Nunca quis que fossem actores?

Sinceramente, nunca quis muito que fossem actores. É uma vida muito violenta. É terrível. E muito mal paga. Quem quiser constituir família não pode viver apenas do teatro. As pessoas pensam que os actores ganham rios de dinheiro, mas está muito longe de ser a realidade. Pelo menos no que respeita aos actores de teatro. Não se pode misturar a realida-

de dos actores de Hollywood, com a dos actores de teatro portugueses.

Onde estava no 25 de Abril?

Estava na rua. Nem queria acreditar. Ia a caminho do trabalho quando me disseram que se tinha dado a revolução em Lisboa. Estava na Praça da Galiza e fiquei como um tolo. A primeira coisa que fiz foi ligar para casa, mas a minha mulher já sabia, porque tinha ouvido pela rádio. Já tinha ido buscar as crianças à escola, também no Candal. Foram dias memoráveis. Ainda chegou a haver tiros, perto do Rivoli, mas tudo serenou. Quando chegou o 1.º de Maio, foi uma festa enorme. Incrível mesmo.

Salazar não lhe deixou saudades?

Salazar teve o mérito de endireitar as contas públicas portuguesas. Acredito que, se não tivesse sido Salazar, o País acabaria na bancarrota. Portugal tinha grandes dificuldades do ponto de vista económico-financeiro. O grande erro que cometeu foi não se ter apercebido do que se estava a passar, em Portugal, no Mundo e, acima de tudo, nas colónias. A saída de Portugal de África podia ter sido pacífica.

Fez tropa?

Felizmente, não. Fiquei apurado para o serviço militar, mas tinha um pedido feito que, na hora certa, me livrou da tropa. Recordo-me como se fosse hoje: tinha de me apresentar numa segunda-feira e tinha decidido ir alguns dias antes para estar com o meu pai, porque sabia que o seu barco ia atracar em Lisboa. Naquela altura, era obrigatório rapar o cabelo antes de ir para a tropa e, quando me dirigia para o barbeiro, uma figura de prestígio no Candal, a quem tinha feito o pedido para me livrar da tropa, passou por mim, parou e perguntou-me se eu já tinha ido ver as listas à Junta. Quando lhe disse que

PASSADO

Quando TEP saiu da baixa, chorei

Ficou satisfeito com a vinda do TEP para Gaia?

Fui eu quem teve a ideia de trazer o TEP para Gaia. Um dia, a jantar com o Júlio Gago, que estava preocupado com a situação do TEP, porque tinha de sair da Escola Académica, disse-lhe para ele propor à Câmara de Gaia a vinda do TEP. Ele estava a pensar em Matosinhos, mas insisti para que contactasse o dr. Menezes. Tive muito pena que o TEP tivesse saído do Porto, porque o TEP é do Porto, mas, do mal, o menos. Quando o TEP saiu da Baixa do Porto, em frente ao restaurante Abadia, acabou. E eu chorei. Não me envergonho de o dizer. Disse-o na altura, apesar de haver promessas da Câmara para a cedência de terrenos com vista à construção de um novo teatro. Hoje, o TEP é uma sombra do TEP dos anos 60 e 70. O que me dá um pena enorme. Mas, na altura, tinha um grande prestígio. Era a única companhia, depois do Teatro Nacional, a ser subsidiada pelo Estado. O problema era que o Estado apenas subsidiava por um período de oito meses. Nos outros quatro meses, sobrevivíamos com a ajuda da Câmara do Porto, que comprava os espectáculos para os oferecer de borla ao povo. E o povo tinha fome de tudo, nomeadamente de Cultura. Os espectáculos estavam sempre cheios.

ENTREVISTA

sim, aconselhou-me, primeiro, a não cortar o cabelo e, depois, a ir de novo à Junta, porque achava que tinha havido umas alterações nas listas. Fui a correr à Junta e, de facto, o meu nome estava lá, mas com a indicação de que tinha passado à reserva territorial. Quando cheguei a casa e disse à minha mãe, começou a chorar. Como uma criança. A alegria dela era também a minha.

Manoel de Oliveira, Mastroianni e La Féria

Quando se deu conta de que queria ser actor?

Desde muito novo, porque me recordo de, quando ainda estava na escola primária, já ter vontade de representar. Se me perguntassem o que queria ser quando fosse grande, não tinha qualquer dúvida em responder. Lembro-me perfeitamente de, com seis e sete anos, já cantar e representar na escola, de improviso.

Está-lhe no sangue?

Acho que tudo começou porque via muito cinema, com cinco e seis anos. Tinha um tio que passava filmes em Coimbrões e todos os dias lá estava eu a vê-los, exibidos como são hoje as telenovelas, por episódios. O gosto pela representação nasceu pelo cinema e não pelo teatro. Adoro cinema.

E novelas?

Gosto de tudo o que seja representar. O problema das novelas é o ritmo. É um ritmo diabólico. Por vezes, nem tempo se tem para mudar a roupa. A vantagem é que se ganha bem.

Qual foi a primeira novela que fez?

Foi a 'Lenda da Garça', filmada na Rua das Flores, no Porto, para a RTP. Só filmávamos ao sábado, porque o dono da ourivesaria só a disponibilizava para as filmagens ao sábado. Todos gostaram. Depois, participei em 'Ganância', para a SIC. Nunca mais acabava. Tive mesmo de morrer para sair, porque já tinha assumido outros compromissos, contando que as filmagens acabassem no tempo inicialmente previsto. Eram 120 episódios, passou para 150 e, depois, para 180. Tive mesmo de sair. A seguir, entrei em 'Amanhecer', para a TVI, que foi um grande êxito de Tozé Martinho. A última em que participei foi 'Dei-te Quase Tudo'. A televi-



são dá uma coisa que mais nada dá: exposição. Estou há 40 anos no teatro, fiz não sei quantos filmes e, depois de ter entrado na primeira novela, toda a gente passou conhecer-me na rua.

Acumulou sempre o teatro com os Telefones?

Sempre. Mas, se, na altura, me dessem a escolher, não hesitaria em optar pelo teatro. Aliás, sempre me disseram que eu tinha um único hóbi: os Telefones. Mesmo antes de ser profissional, no TEP, já fazia teatro. Comecei com 18 anos. Com 29, já era presidente do Sporting Clube Candalense. Fiz muito teatro no Candalense. Até que o dr. Correia Alves me viu e me levou para a televisão, para fazer uma peça do TEP, o que causou algum mal-estar entre os actores, que não gostaram que tivesse sido escolhido um amador para fazer o papel quando na companhia havia profissionais.

Não sou social-democrata, mas votei Menezes. Gaia teve um presidente de Câmara que fez tanta asneira que era impossível alguém de bom-senso votar em Heitor Carvalheiras. Só podia mesmo votar Menezes. E não me arrependi

Uns meses depois, é o próprio TEP que me está a convidar, para ser profissional.

Nem hesitou.

Hesitei, hesitei. Ou melhor, recusei o convite. Porque só tinha possibilidade de ir para o TEP em 'part time' e não a tempo inteiro. Só mais tarde o TEP aceitou o meu regime de 'part time'. Curioso foi que, mesmo na condição de actor em 'part time', era dos que mais tempo dedicava ao TEP. Era um autêntico profissional a tempo inteiro. Mas, ainda assim, gan-

hava menos 500 escudos do que os outros. Mais tarde, o TEP chegou à conclusão de que eu cumpria melhor os horários do que os profissionais e regularizou a situação.

Quanto ganhava na altura?

Ganhava 2500 escudos.

Afinal, a sua escola foi o TEP, ou o Candalense?

A minha primeira escola foi o Candalense. A melhor escola que um actor pode ter, sem estar a pôr em causa os conservatórios, é sobre as tábuas. É

ACTORES

Seria um crime se estes jovens se perdessem

O talento dos actores do Porto também o surpreendeu?

Não. De maneira nenhuma. Há dois ou três actores de que gosto muito.

Vão longe?

Se houver trabalho, vão longe, casos do Ruben, da Sissi, ou da Inês, por exemplo. São honestos e bons profissionais. Mas, se não tiverem

trabalho, o que podem fazer? Nada.

Já os conhecia?

Não. Curioso é que o Ruben é quase meu vizinho e não o conhecia. É pena se as vozes maravilhosas que se ouvem todos os dias no Rivoli não tiverem futuro. Não quero acreditar que o meu País não vá dar um futuro aos actores que conheci no Rivoli. Seria um crime se estes jovens actores se perdessem.

PARAGEM

Já estava a dar em doido

Acha que tem tido o reconhecimento que impõe a sua longevidade?

Não espero reconhecimento. Só me alegro que o povo goste de me ver no teatro e na televisão. E eu gosto que gostem de mim.

É o que o faz correr?

O que me faz correr é o gosto que tenho pela representação. Se estiver em casa dois meses, o primeiro ainda passo bem, mas, ao segundo, já estou a dar em doido.

Nunca lhe aconteceu ficar sem trabalho?

Já. Antes de receber o convite de La Féria, estava quase a entrar em paranóia. Nunca me tinha acontecido estar dois meses parado. Mas nunca pedi nada a ninguém. E podia fazê-lo. Mas não tenho jeito para isso.

Nunca fez revista?

Já. Mas apenas revista amadora, no grupo desportivo dos Telefones.

no palco que um actor aprende. No TEP, também aprendi muito, mas a um outro nível. Agora, o à-vontade de estar no palco ganhei-o no Candalense. No TEP, evolui. Devo muito à Dalila Rocha, que tudo fez para eu corrigir a pronúncia do Norte. Mas ainda hoje falo à Porto. Quando estou em Lisboa, todos sabem que eu sou do Porto. O que, para mim, é um orgulho.

Chegou a conhecer António Pedro?

Cheguei. Mas por pouco tempo, porque, entretanto, se deu uma cisão no TEP. Era uma companhia fabulosa. Todos os anos éramos convidados para ir ao estrangeiro. Graças ao teatro, conheço o País todo e quase toda a Europa.

E também conheceu Marcello Mastroianni?

Conheci. Num filme que fiz de Manoel de Oliveira. Não foi por me ter levado para o cinema, mas Manoel de Oliveira é um realizador fantástico. Tenho uma grande admiração por ele. No último filme que fez, 'Cristóvão Colombo - O Enigma', ligou-me

a dizer que tinha um papel pequeno para mim. E lá acabei dono de um restaurante em Nova Iorque. Com quase 100 anos, é ainda um homem com uma grande lucidez. E de espírito jovem. Há quatro ou cinco anos, estávamos em Caminha a rodar 'Viagem ao Princípio do Mundo', quando, pelas sete da manhã, ouvi um barulho junto da piscina do hotel. Levantei-me e fui ver o que se passava. Qual o meu espanto quando vejo o Manoel de Oliveira, com 94 anos, a atirar-se da prancha para a piscina.

Foi quem mais o marcou?

Foi. Manoel de Oliveira é um mestre. E tem um sentido de humor extraordinário. Mas gostei de todos, nomeadamente de Luís Miguel Cintra. Além de dirigir muito bem, é de uma humanidade impressionante.

Não acredito na Igreja

Ainda lhe falta fazer alguma coisa no mundo do espectáculo? Falta-me fazer tudo. Gostava de, por exemplo, fazer outro musical.

Ficou a gostar?

Gostava de fazer outro para poder comparar. 'Um Violino no Telhado' é, de facto, o meu primeiro musical e gostava de ter um termo de comparação.

Pensou duas vezes antes de aceitar o convite de Filipe La Féria?

Confesso que pensei duas vezes. Dizia-se que La Féria era assim e assado e eu também nunca tinha feito um musical. Mas achei que La Féria não podia ser como pintavam.

E não é?

Não. Nunca tinha trabalhado com La Féria, mas não me arrependi de ter aceite o convite que me fez. Mais: não só não me arrependi, como estou a fazer o musical com todo o prazer. Faço-o como se fosse o mais novo actor da peça. Não fiquei com pena nenhuma de ter recusado os filmes, as séries e as novelas que me apareceram depois de ter dado a minha palavra a La Féria. Em 2007, estava um bocado cansado, porque fiz sempre a correr Portugal de uma ponta a outra, por causa de filmagens para cinema e televisão. O musical, para mim, é uma maravilha. Todos me respeitam. E é maravilhoso estar nos camarins e ouvir o barulho do público a chegar. É impressionante ver o



Rivoli cheio. Não há nada melhor para um actor. Quantas vezes não fui para espectáculos a pensar se ia haver público naquela noite? E, não raras vezes, o espectáculo tinha mesmo de ser cancelado, porque não havia público. Era angustiante.

A reforma vai ter mesmo de esperar?

Se depender de mim, vai. Se não tiver trabalho, que remédio. Mas, por minha iniciativa, ainda não penso em reformar-me. Um actor nunca se deve retirar. A não ser que não tenha trabalho. Ou saúde. Agora, retirar-me com saúde e com trabalho? Nunca. Isso seria um sacrilégio. Um actor não tem idade para a reforma.

Nasceu, viveu e vai morrer no Candal?

Não sei. Gostava de morrer na minha caminha, sem ninguém dar por ela, mas não sei como vai ser. Aliás, será que há mesmo morte?

Não pensa na morte?

Não. Penso apenas em adormecer um dia e não acordar.

É católico?

Sou. Toda a gente é católica. Mas não vou à missa. Não acredito na Igreja.

Também não é supersticioso?

Não. No TEP, aprendi uma coisa: havia uma actriz que se benzia antes de entrar em palco e metia sempre água. Um dia, um outro actor, por sinal um grande actor, já desaparecido, disse-lhe para ela não se benzer e apenas respirar fundo antes de entrar em cena. Nunca mais esqueci. Também eu respiro fundo antes de entrar em cena. Apenas.

Bolhão devia ser património mundial

Como portuense convicto, como vê a possibilidade de o mercado do Bolhão fechar?

Por amor de Deus, não estraguem o Bolhão. O mercado do Bolhão devia ser património mundial. Se acabarem com o Bolhão, é um crime. A única coisa que se deve fazer no Bolhão é obras.

Pinto da Costa ou Rui Rio?

Pinto da Costa. Por muitas asneiras que tenha feito, tem dado muitas alegrias ao Porto e aos portistas. Já Rui Rio está a cumprir o seu mandato, como sabe e pode.

Gaia está bem entregue a Luís Filipe Menezes?

Vou confessar uma coisa: não sou social-democrata, mas votei Menezes. Gaia teve um presidente de Câmara que fez tanta asneira que era impossível alguém de bom-senso votar em Heitor Carvalheiras. Só podia mesmo votar Menezes. E não me arrependi. Amanhã, votarei outra vez. Tem feito uma obra notável em Gaia.

Antes de receber o convite de La Féria, estava quase a entrar em paranóia. Nunca me tinha acontecido estar dois meses parado. Mas nunca pedi nada a ninguém. E podia fazê-lo. Mas não tenho jeito para isso

Se fosse no Porto, também votaria PSD?

Nas Eleições Autárquicas, devemos votar em quem pode defender os nossos interesses e não os interesses dos partidos. Não vivo no Porto, pelo que não estou muito interessado em pensar se votaria em Rui Rio. Mas, se calhar, também não iria arrepender-me. Apesar de não estar nada de acordo com a sua política cultural. A excepção foi o Teatro Rivoli, cujo problema resolveu de uma forma que deve orgulhar a cidade do Porto. Agora, devia também apoiar os grupos independentes. Ao fazê-lo, estaria a apoiar a Cultura, que tanta falta faz.

